

Prefácio

Ontologia do presente que virá

Jorge Alberto Rocha

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROCHA, JAC. Prefácio: Ontologia do presente que virá. In: *Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Substractum collection, pp. 9-16. ISBN 978-85-7879-184-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Ontologia do presente que virá

“Eu espero que a verdade dos meus livros esteja no futuro.”

Michel Foucault, outubro de 1979.

A obra de Foucault, ele mesmo o presente, contém um pensamento que já não caberia mais, apenas, no presente do tempo, que dependeria, fundamentalmente, do futuro de suas interpretações. A ontologia do presente é, de fato, a instrumentação crítica, a preparação prática de um presente que virá (a começar pelo da própria obra).

Mas por onde começá-las, tais interpretações futuras?

Um caminho possível, passados já cerca de 30 anos de seu desaparecimento, é não se ater apenas às linhas de compreensão de seu pensamento produzidas ainda em vida. Em particular, sua filosofia deve talvez ser revista – sem que, necessariamente, essa organização seja desconsiderada – para além

da tríade estruturante 'saber-poder-sujeito', usada recorrentemente para definir, nas suas grandes linhas, a evolução de sua produção (como o próprio Foucault, aliás, vem a corroborar em alguns momentos). Essa configuração, não resta dúvida, é limitadora sob diversos aspectos. É verdade que cada um desses temas aponta para um bloco conceitual em sua obra. Mas ela talvez se funde na operação superficial de uma "classificação pelo objeto". Foucault ora pensa isso, ora aquilo; aqui pensa assim, mais adiante dedica-se a novos temas. Sob vários aspectos, o melhor que tal classificação pode fazer é dar-nos um panorama histórico da obra, apagando, por outro lado, sua intensidade e, em particular, talvez pouco possa fazê-la avançar na direção desse futuro esperado. Na verdade, é forçoso reconhecer que mesmo entre esses três grandes eixos, uma partida se joga, perfaz-se uma economia – um acaba por implicar os demais, revela-os, torna-os visíveis. É óbvio, também por isso mesmo, que alguma outra interpretação, alguma unidade eventual (e diferencial) da obra há de brotar já dessa economia entre eles.

Aliás, num rápido parêntesis, vale lembrar que, se a morte de Foucault marca de algum modo a sua obra, é talvez menos pela sua brusca interrupção do que pelo fato de não contarmos com ele para fazer, como lhe era habitual, tal recensão de seu pensamento de dar-nos razão de seus caminhos e escolhas, de nos mostrar ele mesmo o porquê de se estar onde está, de se ter chegado onde chegou. E, a partir deste ponto, já também o novo caminho a seguir, só visível a partir da obra posta, das questões incorporadas. Não se deve ver, contudo, aí uma variação ou glosa da imagem curta de certo positivismo, satisfeito em conter-se no par 'tentativa-erro', mas sim o caminho efetivamente experimental (até certo ponto completamente

não-hipotético) de uma acontecimentalização ou de um novo *fora* (o próprio termo em Foucault para esse procedimento não para de ser buscado, e talvez permaneça insuficiente até o fim em seu poder de descrição da sua particular metodologia de investigação); em todo caso, o processo de uma experimentação que, de fato, produz todo o sentido do que se chega a pensar, a ver, a dizer, a escrever. Não se confunda, tampouco, essa operação com uma expressão já na origem *datada*. Foucault, ao mesmo tempo insatisfeito e inquieto, estaria sempre **à frente** de si mesmo, da sua obra escrita, das suas próprias ideias e conceitos recolhidos, mas também sempre muito **aquém** do que investiga e estuda. Não tem qualquer ideia pronta ou opinião pré-concebida. Seus trabalhos, nesse sentido, sempre efetivamente insuficientes (pelo mais e pelo menos), empurram-no sempre para outro lugar, face ao lema mesmo de que *pensar é pensar diferentemente*. Com isso, diremos que a experimentação implica duas pontas, e um efeito: ela nunca está, não se fixa nem no início, nem em seu termo, definindo um campo móvel no qual não se pode contar senão com pontos temporários ou mesmo artificiais de parada, e nos quais se anota, já de um ponto ulterior, o caminho percorrido, mas com a sinalização inevitável de que o ponto atual já não coincide com aquele descrito no momento mesmo de sua expressão (nessa ou naquela obra).

Mas que novas direções poderíamos nós, nessa ausência da sua própria voz, propor? Desnecessário dizer, direções que o próprio Foucault talvez aventasse, perseguisse, e que tornam esse exercício interpretativo menos hipotético ou ficcional do que se poderia supor.

Em primeiro lugar, parece-nos que, por toda a obra, Foucault faz passar uma questão de método, fato que apenas nas últimas obras ele de fato começa a explicitar, e talvez, em particular, em algumas das suas últimas entrevistas. A passagem entre ‘saber-poder-sujeito’ explica-se pela necessidade vislumbrada de abordar novos objetos, revelados por alguma determinada característica do tema anterior (de insuficiência ou pelo seu transbordamento já para outro plano), mas também impõe-se, ou ao menos é a ocasião de testar, um novo método de pesquisa. Nessa passagem, a ser sempre melhor precisada em comentários que virão, da arqueologia à genealogia, e destas à analítica e/ou à pragmática do sujeito, há, em operação, todo um perspectivismo foucaultiano, em que o método permite ver para trás, por sob, ou por dentro. Genealogia, arqueologia e analítico-pragmática são os instrumentos ao mesmo tempo específicos, exigidos e erigidos com vistas a um saber local, específico. Mas são também forças complementares de uma pesquisa que se amplia por força mesmo de sua conjugação. E, sem dúvida, uma meta-filosofia brota desse convívio de um objeto com outro, de uma interpenetração crítico-metodológica de uma forma de investigação por outra.

Mais amplamente, como traço ainda desse forçamento auto-imposto de buscar novas direções no que concerne a objetos e métodos, revela-se o impulso de obrigar-se ao exercício da diferença no pensamento. Pensar diferentemente quer apontar para uma experiência diferente do pensamento. Experiência que não apenas a de compreender, reconhecer, representar. Ou mesmo criticar, determinar, conceituar. A filosofia, Foucault insiste diversas vezes sobre esse ponto, não o satisfaz inteiramente como plano de investigação.

Nesse caso, entende-se o seu pensamento, em última análise, segundo uma “formalização” de todo esse percurso descrito acima, como o estabelecimento de uma linha diferencial em relação à própria filosofia e ao campo filosófico: o compromisso com a diferença é muito limitado na tradição histórica da filosofia.

Identificar um caminho não visitado, mostrar forças não visíveis, isso tudo é, decerto, pensar diferentemente. Contudo, essa parece ainda uma imagem superficial do que Foucault realmente quer e espera de sua experiência. Por um lado, trata-se então de fazer o pensamento passar para um outro lado, lado de lá, ou um lado de fora. Ou, ao contrário, depender estritamente de um *fora* para descobrir a sua própria potência enquanto pensamento (é, no fundo, esse o sentido do ‘método’ em Foucault? Pensar como a definição da operação de um “fora” no pensamento?).

Mas, por outro lado, revela-se em tudo isso ainda um sentido possivelmente prático de, através da diferença, forçar a diferença e à diferença, de chegar ao ponto de que uma diferença percebida, descrita, visível é também uma diferença a ser vivida. O traço prático ou ético da diferença é que uma vez inscrita no pensamento ou na vida, ela é incorporada de modo incontornável e já não é mais possível viver-sem. Pensar diferentemente é estender indefinidamente a diferença, mas também estender indefinidamente o pensamento e a vida na direção de novas formas e possibilidades de pensamento e de vida. E o sentido disso caminha cada vez mais, na obra de Foucault, na direção de uma questão de ordem ética ou prática. Viver para a diferença ou pela diferença. Essa linha

metodológica será também revisitada por Foucault em importantes textos finais, nos seus cursos e entrevistas.

Cabe, finalmente, ressaltar um importante aspecto na passagem para a última fase da obra. Decerto, Foucault não tem qualquer pretensão ou interesse em tornar-se um hele-nista de última hora. Sua ligação com a moral antiga, ou mais exatamente com a questão do cuidado e da prática de si, não visa evidentemente um passado da filosofia, mas o presente de nossas existências. Mas por que tal virada? Como se explica essa ligação com a Antiguidade? Qual segredo repousa na moral antiga, para que ela se nos apresente ainda hoje inspiradora? Não parece ser o caso de reconhecer aí um qualquer lamento, na forma de um futuro passado ou anterior, entre real e possível, entre atual e virtual, e no fundo apenas um “ente de razão” abstrato, infrutífero e incerto: o que teriam sido nossas vidas se o cristianismo não tivesse apagado pouco a pouco os traços e os objetivos dessa antiga ética? Não se trata, evidentemente, de nada disso, mas talvez da questão de fundo que animava esta mesma moral antiga e que, ao final, aponta para uma certa reconciliação de Foucault com a própria filosofia. Ou antes, talvez ainda contra a filosofia, para o tema, tão rapidamente perdido, da vida filosófica. O que fora a filosofia em seu início que pode ter ainda um sentido para nós hoje? E dele, desse início, o que é novo ainda hoje e permanece enquanto uma tarefa do filósofo e um elemento disparador de novas experiências? A questão da vida filosófica, ou simplesmente da coragem em experimentar uma nova vida parece-nos a questão fundamental de Foucault nesse momento e que ilumina, na verdade, toda a sua obra.

Nas linhas várias que se cruzam e se desprendem do novo onto-histórico dessa questão, um novo ponto também deve, talvez, ser precisado. É apenas a partir de uma certa hora, de um confronto de sua própria vida, de sua condição de intelectual, esforço biográfico não apenas de estar vivo, mas à maneira dos antigos, de levar uma vida - uma nova forma de vida -, que seja, obviamente, a sua, mas contudo, *com-tudo*, já não apenas a sua, mas também *uma* vida. Por outro lado, vida que não é a vida abstrata vivida genericamente por todos, de todos, mas a sua própria. A vida antiga é esse segredo ainda atual de fazer o pensamento dormir à noite para melhor acordar pela manhã, de andar pelos campos, ou conversar nas praças, de estar à mesa, de colocá-lo em marcha, após as refeições, de exercitá-lo nos ginásios, nos treinamentos com os mais jovens. A condição de um exercício quotidiano com vistas a um bem-viver, a uma ética não da ação ou da vontade, mas de todas as ações e de todos os desejos. Uma moral de todas as horas, que faz de toda vida, necessariamente, uma vida filosófica. É, enfim, uma política e uma conversação permanente, em que o exame, a vontade de vida fazem da própria vida esse exame e essa vontade... Quais as condições presentes de se “reviver” tal situação? O encontro de Foucault com a filosofia é, afinal, por via do tema da *vida filosófica*.

A agudeza do trabalho de Jorge Alberto da Costa Rocha encontra-se, justamente, na tentativa de lançar luz sobre esse campo ainda (e sempre) meio cinzento, da articulação ou interseção entre obra, biografia e os fins a serem perseguidos por uma e outra, e em uma pela outra. O lugar sutil em que propor uma nova forma de vida é propor a si, ou a

partir de si, uma nova vida, quando isso diz respeito à sua própria vida, mas também já à de todos... Onde começam afinal, uma e outra?

Seu livro parte de uma nova ideia, de uma ideia ainda mal explorada, tateando as possibilidades de um Foucault por vir, construindo, por dentro da obra de Foucault, um novo Foucault que revela o necessário futuro de seu pensamento.